



RELATÓRIO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO 2004

Liberdade Cultural
num Mundo
Diversificado



Publicado
para o Programa das Nações Unidas
para o Desenvolvimento
(PNUD)

Lisboa
MENSAGEM - Serviço de Recursos Editoriais, Lda.
Rua Dr. Manuel de Arriaga, 68-D
2745-158 QUELUZ
PORTUGAL



AGRADECIMENTO

A tradução e a publicação da edição portuguesa do Relatório do Desenvolvimento Humano 2004 só foram possíveis graças ao apoio do Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento (IPAD).



MENSAGEM

MENSAGEM - Serviço de Recursos Editoriais
Rua Dr. Manuel de Arriaga, 68-D - 2745-158 QUELUZ
Telef. +351 214 342 110 • Fax +351 214 342 119

Copyright ©2004
do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
1 UN Plaza, New York, New York, 10017, USA
<http://www.undp.org/undp/hdro>

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida, de qualquer forma ou por qualquer meio, electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem autorização da Editora Mensagem.

Edição em língua portuguesa MENSAGEM - Serviço de Recursos Editoriais
Rua Dr. Manuel de Arriaga, 68-D - 2745-158 QUELUZ
Telef. +351 214 342 110 • Fax +351 214 342 119

Tradução: José Freitas e Silva

Coordenação da tradução e revisão técnica: João Estêvão

Capa e design: Gerald Quinn, Quinn Information Design, Cabin John, Maryland

Paginação e preparação gráfica: João Mendes - Artes Gráficas, Lda. - Telemóvel 919 032 125

Impressão e acabamento: SIG - Sociedade Industrial Gráfica, Lda.
Bairro de S. Francisco, Lote 1-6
P. 2685-466 Camarate - PORTUGAL
Telefone: (351) 219 473 701 • Fax: (351) 219 475 970

ISBN 972-8730-18-7

Depósito Legal N.º

Para qualquer erro ou omissão encontrado no presente Relatório após a sua impressão, consultar website do PNUD em <http://hdr.undp.org>

EQUIPA PARA A PREPARAÇÃO DO
Relatório do Desenvolvimento Humano 2004

Directora e Redactora Principal
Sakiko Fukuda-Parr

Equipa nuclear

Carla De Gregorio, Haishan Fu (Chefe de Estatística), Ricardo Fuentes, Arunabha Ghosh, Claes Johansson, Christopher Kuonqui, Santosh Mehrotra, Tanni Mukhopadhyay, Stefano Pettinato, David Stewart e Emily White

Conselheiro estatístico: Tom Griffin

Editores: Cait Murphy e Bruce Ross-Larson

Desenho da capa e layout: Gerald Quinn

Desenho da Informação: Grundy & Northedge

Consultores Principais

Amartya Sen (Capítulo 1), Lourdes Arizpe, Robert Bach, Rajeev Bhargava, Elie Cohen, Emmanuel de Kadt, Nicholas Dirks, K.S. Jomo, Will Kymlicka, Valentine Moghadam, Joy Moncrieffe, Sam Moyo, Brendan O'Leary, Kwesi Kwaa Prah, Barnett R. Rubin, Daniel Sabbagh, D.L. Sheth, Rodolfo Stavenhagen, Alfred Stepan, Deborah Yashar e Aristide Zolberg

Colegas do GRDH

O grupo de trabalho exprime os seus agradecimentos pelo valioso apoio e contributo dos colegas do Gabinete do Relatório do Desenvolvimento Humano (GRDH). A preparação do Relatório contou com o apoio administrativo de Oscar Bernal, Renuka Corea-Lloyd e Mamaye Gebretsadik. O trabalho de divulgação e promoção do Relatório foram da responsabilidade de Nena Terrell com o apoio de Maria Kristina Dominguez e Anne-Louise Winsløv. As operações do GRDH foram administradas por Yves Sassenrath com o apoio de Marie Suzanne Ndaw. E o grupo trabalhou em conjunto com os membros da Unidade do Relatório Nacional do Desenvolvimento Humano (NHDR), nomeadamente: Sarah Burd-Sharps (Directora Adjunta do GRDH e Chefe da Unidade do NHDR), Marcia de Castro, Sharmila Kurukulasuriya, Juan Pablo Mejia e Mary Ann Mwangi.

Prefácio

Numa altura em que a noção de um “choque de culturas” global ressoa fortemente – e preocupantemente – por todo o mundo, encontrar respostas para as velhas questões sobre a melhor maneira de gerir e mitigar os conflitos acerca da língua, religião, cultura e etnicidade assumiu uma importância renovada. Para quem trabalha em desenvolvimento, esta não é uma questão abstracta. Para que o mundo atinja os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio e acabe por erradicar a pobreza, tem que enfrentar primeiro, com êxito, o desafio da construção de sociedades culturalmente diversificadas e inclusivas. Não só porque fazê-lo com êxito é condição prévia para os países se concentrarem adequadamente noutras prioridades do crescimento económico, a saúde e a educação para todos os cidadãos. Mas também porque permitir às pessoas uma expressão cultural completa é um fim importante do desenvolvimento em si mesmo.

O desenvolvimento humano tem a ver, primeiro e acima de tudo, com a possibilidade das pessoas viverem o tipo de vida que escolheram – e com a provisão dos instrumentos e das oportunidades para fazerem as suas escolhas. Nos últimos anos, o *Relatório do Desenvolvimento Humano* tem defendido fortemente que esta é uma questão, tanto de política, como de economia – desde a protecção dos direitos humanos até ao aprofundamento da democracia. A menos que as pessoas pobres e marginalizadas – que na maioria das vezes são membros de minorias religiosas, étnicas, ou migrantes – possam influenciar acções políticas, a nível local e nacional, não é provável que obtenham acesso equitativo ao emprego, escolas, hospitais, justiça, segurança e a outros serviços básicos.

O Relatório deste ano assenta nessa análise, examinando cuidadosamente – e rejeitando – as afirmações de que as diferenças culturais levam necessariamente ao conflito social, económico e

político, ou de que os direitos culturais inerentes deviam suplantar os direitos políticos e económicos. Em vez disso, fornece um poderoso argumento para descobrir modos de “satisfação nas nossas diferenças”, como disse o Arcebispo Desmond Tutu. Também oferece algumas ideias concretas sobre o que significa, na prática, construir e gerir as políticas de identidade e cultura de maneira consistente com os princípios fundamentais do desenvolvimento humano.

Por vezes, isso é relativamente fácil – por exemplo, o direito de uma rapariga à educação sobrepor-se-á sempre à reivindicação do pai de um direito cultural de proibir a sua escolarização, por razões religiosas ou outras. Mas a questão pode ser muito mais complicada. Vejamos a educação em língua materna. Há provas persuasivas de que os jovens têm mais êxito aprendendo na sua própria língua. Porém, o que é uma vantagem num determinado momento da vida – e, na verdade, pode continuar a ser um princípio básico de identidade indispensável ao longo da vida toda – pode tornar-se uma desvantagem noutros aspectos, quando a falta de proficiência em línguas nacionais, ou internacionais, mais usadas prejudicar gravemente as oportunidades de emprego. Como este Relatório torna claro, da acção afirmativa ao papel dos meios de comunicação, não existem regras fáceis, nem universais, sobre a melhor maneira de construir sociedades multiculturais que funcionem.

Mesmo assim, há uma lição geral que é clara: ter êxito não é simplesmente uma questão de mudanças legislativas e de políticas, por mais necessárias que elas sejam. As constituições e as leis que protegem e dão garantias às minorias, povos indígenas e outros grupos são uma base fundamental para liberdades mais amplas. Mas, a menos que a cultura política também mude – a menos que os cidadãos venham a pensar, sentir e agir de modo a contemplar as necessidades e

aspirações de outros –, a verdadeira mudança não acontecerá.

Quando a cultura política não muda, as consequências são perturbadoramente claras. Dos grupos indígenas descontentes da América Latina, às minorias infelizes de África e da Ásia e aos novos imigrantes de todo o mundo desenvolvido, não resolver as razões de queixa de grupos marginalizados não cria apenas injustiça. Cria verdadeiros problemas para o futuro: jovens desempregados e descontentes, zangados com o *status quo* e a exigirem mudança, muitas vezes violentamente.

Esse é o desafio. Mas também há verdadeiras oportunidades. A mensagem geral deste Relatório é destacar o enorme potencial de construir um mundo mais pacífico e mais próspero, pondo as questões da cultura na corrente principal do pensamento e da prática do desenvolvimento. Não para substituir as prioridades mais tradicionais que continuarão a ser o nosso dia-a-dia – mas para as completar e reforçar. O lado menos interessante do desenvolvimento é que os países em desenvolvimento podem muitas vezes recorrer a tradições culturais mais ricas e mais diversificadas – venham elas da língua, arte, música, ou doutras formas – do que os seus parceiros mais ricos do Norte. A globalização da cultura de massas – dos livros aos filmes e à televisão – coloca, claramente, algumas ameaças significati-

vas às culturas tradicionais. Mas também abre oportunidades, desde o significado limitado de grupos prejudicados, como os aborígenes australianos ou os esquimós árticos penetrando nos mercados mundiais de arte, até ao significado mais amplo de criação de sociedades mais vibrantes, criativas e estimulantes.

Tal como todos os *Relatórios de Desenvolvimento Humano*, este é um estudo independente destinado a estimular o debate e a discussão sobre um assunto importante, e não uma declaração de política das Nações Unidas, ou do PNUD. Porém, ao pegar num assunto muitas vezes negligenciado por economistas do desenvolvimento e ao colocá-lo firmemente no espectro de prioridades para a criação de vidas melhores e mais plenas, apresenta importantes argumentos para o PNUD e seus parceiros considerarem e actuarem no âmbito mais geral das suas actividades. Este ano, também gostaria de prestar uma homenagem especial a Sakiko Fukuda-Parr, que está de saída após 10 anos de liderança bem sucedida do nosso Gabinete do Relatório do Desenvolvimento Humano. Também gostaria de apresentar agradecimentos especiais a Amartya Sen, um dos padrinhos do desenvolvimento humano, que não só colaborou no primeiro capítulo, mas também tem tido uma enorme influência na formação do nosso pensamento sobre este importante assunto.



Mark Malloch Brown
Administrador, PNUD

A análise e as recomendações políticas deste Relatório não reflectem, necessariamente, as opiniões do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, do seu Conselho Executivo, ou dos seus Estados membros. O Relatório é uma publicação independente comissionada pelo PNUD. É o fruto de um esforço de colaboração de uma equipa de consultores e conselheiros eminentes e da equipa do *Relatório do Desenvolvimento Humano*. Sakiko Fukuda-Parr, Directora do Gabinete do Relatório do Desenvolvimento Humano, conduziu este esforço.

Agradecimentos

A preparação deste Relatório não teria sido possível sem as valiosas contribuições de um grande número de pessoas e de organizações.

A equipa exprime os seus sinceros agradecimentos ao Professor Amartya Sen, que concebeu a estrutura prévia do Relatório.

CONTRIBUIÇÕES

A equipa está particularmente agradecida pela colaboração oferecida pelo Director Geral da UNESCO, Koïchiro Matsuura, e pelos seus colaboradores, particularmente Ann-Belinda Preis, Katarina Stenou e Rene Zapata.

Foram preparados muitos estudos de apoio, documentos e notas sobre questões temáticas relacionadas com a identidade, diversidade cultural e liberdade cultural. Para tal, contámos com o contributo de Lourdes Arizpe, Robert Bach, Rajeev Bhargava, Elie Cohen, Emanuel De Kadt, Carolyn Deere, Nicholas Dirks, K.S. Jomo, Will Kymlicka, Valentine Moghadam, Joy Moncrieffe, Sam Moyo, Brendan O'Leary, Kwesi Kwaa Prah, Barnett R. Rubin, Daniel Sabbagh, Amartya Sen, D.L. Sheth, Rodolfo Stavenhagen, Alfred Stepan, Deborah Yashar e Aristide Zolberg. Para o Capítulo 2, beneficiámos do contributo do Gabinete de Prevenção e Recuperação de Crises, com mapas de países e informação relacionada com conflitos, particularmente do trabalho de Meegan Murray, Preveen Pardeshi e Pablo Ruiz.

Muitas organizações partilharam generosamente as suas séries de dados e outros materiais de investigação: Centro de Análise e Informação sobre o Dióxido de Carbono; Secretariado da Comunidade das Caraíbas; Centro de Comparações Internacionais, na Universidade da Pensilvânia; Comissão Económica e Social para

a Ásia e Pacífico; Organização para a Alimentação e Agricultura; Instituto Internacional de Estudo Estratégicos; Organização Internacional do Trabalho; Fundo Monetário Internacional; Organizações Internacionais para a Migração; União Internacional das Telecomunicações; União Interparlamentar; Programa Conjunto das Nações Unidas para o HIV/SIDA; Estudos de Rendimento do Luxemburgo; Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico; Instituto Internacional de Estocolmo para a Investigação sobre a Paz; Fundo das Nações Unidas para a Infância; Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento; Comissão Económica das Nações Unidas para a América Latina e as Caraíbas; Instituto de Estatística da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura; Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados; Gabinete das Nações Unidas contra a Droga e o Crime; Departamento de Assuntos Legais das Nações Unidas; Divisão das Nações Unidas para a População; Divisão de Estatística das Nações Unidas; Banco Mundial; Organização Mundial de Saúde e Organização Mundial para a Propriedade Intelectual.

A equipa também expressa a sua apreciação pelo apoio que recebeu da Fundação Rockefeller, particularmente de Ram Manikkalingam, Janet Maughan, Joan Shigekawa, Lynn Szwaja, Tomas Ybarro-Frausto, assim como de Gianni Celli e de Nadia Giladroni da Centro de Estudos e Conferências da Fundação Bellagio Rockefeller.

PAINEL CONSULTIVO

O Relatório beneficiou grandemente com o conselho intelectual e a orientação fornecidos por um painel consultivo externo de peritos

eminentes. Do painel fizeram parte Arjun Appadurai, Robert Bach, Seyla Benhabib, Nancy Birdsall, Jody Narandran Kollapen, Mahmood Mamdani, Sónia Picado, Surin Pitsuwan, Jorge F. Quiroga, Paul Streeten, Victoria Tauli-Corpus, Ngaire Woods, Rene Zapata e Antonina Zhelyazkova. Do painel consultivo sobre estatística fizeram parte Sudhir Anand, Paul Cheung, Willem DeVries, Lamine Diop, Carmen Feijo, Andrew Flatt, Paolo Garonna, Robert Johnston, Irena Krizman, Nora Lustig, Ian Macredie, Marion McEwin, Wolf Scott, Tim Smeeding e Michael Ward.

CONSULTAS

Durante a preparação do Relatório foram muitas as pessoas consultadas e que deram o seu valioso conselho, informações e materiais. A equipa do Relatório agradece a Carla Abouzahr, Yamin Ahmad, Patricia Alexander, Serge Allegrezza, Anna Alvazzi del Frate, Shaida Badiee, Yusuf Bangura, Nefise Bazoglu, Grace Bediako, Matt Benjamin, Yonas Biru, Ties Boerma, Eduard Bos, Thomas Buettner, Tony Burton, Rosario Garcia Calderon, Joe Chamie, Shaohua Chen, Paul Cheung, Martin Chungong, David Cieslikowski, Lee Cokorinos, Patrick R. Cornu, Kim Cragin, Trevor Croft, Gaurav Datt, Ian Dennis, Yuri Dikhanov, Dennis Drescher, Asghar Ali Engineer, Hubert Escaith, Kareen Fabre, Yousef Falah, Richard Fix, Karl Franklin, Nancy Fraser, Rodolfo Roque Fuentes, Enrique Ganuza, Peter Ghys, Erlinda Go, Rui Gomes, Ray Gordon, Marilyn Gregerson, Ted Robert Gurr, Brian Hammond, Philomen Harrison, Sabinne Henning, Alan Heston, Misako Hiraga, Frederick W.H. Ho, Joop van Holsteyn, Béla Hovy, Piero Ignazi, Chandika Indikadahena, Jens Johansen, Lawrence Jeff Johnson, Robert Johnston, Vasantha Kandiah, Alison Kennedy, Sio Suat Kheng, Elizabeth Kielman, Taro Komatsu, Karoly Kovacs, Olivier Labe, Frank Laczko, Henrik Larsen, Georges Lemaitre, Denise Lievesley, Rolf Luyendijk, Nyein Nyein Lwin, Doug Lynd, Esperanza C. Magpantay, Mary Mahy, Heikki S. Mattila, Clare Menozzi, Jorge Mernies, Michael Minges, Anjali Mody, Catherine Monagle, Bruno Moro, Ron Morren,

Philip Mukungu, Angela Ferriol Muruaga, Jack Nagel, Keiko Osaki, Jude Padyachy, Sonia Palmieri, Rosario Pardo, Amy Pate, Sulekha Patel, François Pelletier, Bob Pember, Indira Persaud, Francesca Perucci, Rudolphe Petras, Spyridon Pilos, Lionel Pintopontes, William Prince, Lakshmi Puri, Agnès Puymoyen, Hantamalala Rafalimanana, Markandey Rai, Vijayendra Rao, Luca Renda, Clinton Robinson, David Roodman, Ricardo Sibrián, Shaguni Singh, Armin Sirco, Carl Skau, Petter Stalenheim, Elsa Stamatopoulou, Mark Stoker, Diane Stukel, Ilpo Survo, Eric Swanson, Tony Taubman, Benedicte Terryn, Michel Thieren, Anne Thomas, Barbara Trudell, Elisa Tsakiri, Rafael Tuts, Erica Usher, Said Voffal, Rick Wacek, Neff Walker, Steve Walter, Tessa Wardlaw, Jayashree Watal, Glenys Waters, Catherine Watt, Wendy Wendland, Patrick Werquin, Siemon Wezeman, Anders Widfeldt, Boris Wijkström, Jonathan Wilkenfeld, Diane Wroge, A. Sylvester Young, Elizabeth Zaniewski e Hania Zlotnik.

Foi realizada uma consulta informal a Organismos das Nações Unidas, que forneceram à equipa comentários e sugestões muito úteis. Agradecemos à Organização para a Alimentação e Agricultura; ao Fundo Internacional para o Desenvolvimento da Agricultura; à Organização Internacional do Trabalho; ao Fundo Monetário Internacional; Programa Conjunto das Nações Unidas para o HIV/SIDA; ao Fundo das Nações Unidas para a Infância; à Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento; ao Departamento das Nações Unidas para os Assuntos Económicos e Sociais; à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura; ao Programa das Nações Unidas para o Ambiente; ao Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos; ao Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados; ao Programa das Nações Unidas para os Povoamentos Humanos; ao Instituto das Nações Unidas para a Formação Profissional e a Investigação; ao Fundo das Nações Unidas para a População; à Organização Mundial de Saúde; à Organização Mundial para a Propriedade Intelectual e ao Banco Mundial.

A equipa gostaria de agradecer a todos os colaboradores da rede de relatórios de desenvolvimento humano do PNUD (HDR-net) e a todos os membros da sociedade civil que participaram com comentários e sugestões perspicazes durante as discussões alargadas que se realizaram.

LEITORES DO PNUD

Um grupo de leitores, constituído por colegas do PNUD, ofereceu os seus valiosos comentários, sugestões e interpretações durante a fase de elaboração do Relatório. A equipa está particularmente agradecida a Randa Aboul-Hosn, Fernando Calderon, Moez Doraid, Gilbert Fossoun Hounbo, Andrey Ivanov, Selim Jahan, Bruce Jenks, Freddy Justiniano, Inge Kaul, Douglas Keh, Thierry Lemaesquier, Lamin Manneh, Saraswathi Menon, Kalman Mizsei, Balasubramaniam Murali, Shoji Nishimoto, Omar Noman, William Orme, Eugenio Ortega, Hilda Paqui, Ravi Rajan, Ramaswamy Sudarshan, Mark Suzman, Júlia V. Taft, Gulden Turkoz-Cosslett, Louisa Vinton, Mourad Wahba e Gita Welch.

EDIÇÃO, PRODUÇÃO E TRADUÇÃO

Como nos anos anteriores, o Relatório beneficiou do trabalho dos revisores da Communications Development Incorporated: Meta de Coquereumont, Elizabeth McCrocklin, Thomas Roncoli, Bruce Ross-Larson e Christopher Trott. O Relatório (incluindo a capa) foi desenhado por Gerald Quinn e paginado por Elaine Wilson. A informação estatística que aparece no Relatório foi desenhada por Grundy & Northedge.

A produção, tradução, distribuição e promoção do Relatório beneficiaram da ajuda e apoio do Gabinete de Comunicações do

Administrador do PNUD: Djibril Diallo, Maureen Lynch, Trygve Olfarnes, Bill Orme, Hilda Paqui bem como Elizabeth Scott Andrews. As traduções foram revistas por Helene Castel, Cielo Morales, Vladimir Scherbov, Andrey Ivanov, e Ali Al-Kasimi.


O Relatório beneficiou ainda do trabalho e dedicação dos estagiários: Valentina Azzarello, Alexandra Lopoukhine, Rachel Sorrentino e Rati Tripathi. Emmanuel Boudard e Jessica Lopatka deram um contributo inestimável ao grupo de estatística.

Liliana Izquierdo e Gerardo Nunez do Gabinete da Nações Unidas para o Serviço de Projectos deram um apoio administrativo e organizativo decisivo.

* * *

A equipa expressa o seu sincero apreço pelo revisor especializado do Relatório, Will Kymlicka, que reviu cuidadosamente os primeiros escritos do Relatório e partilhou a sua sabedoria e perspicácia. A equipa também está grata a Ian Macredie, Lene Mikkelsen e David Pearce, os revisores estatísticos especializados que escrutinaram o uso de dados no Relatório e emprestaram o seu conhecimento estatístico.

Finalmente, os autores estão particularmente agradecidos a Mark Malloch Brown, Administrador do PNUD, pela sua liderança e visão. Apesar de gratos por todo o apoio recebido, os autores assumem a inteira responsabilidade pelas opiniões expressas no Relatório.



Sakiko Fukuda-Parr

Directora

Relatório do Desenvolvimento

Humano 2004

Índice

INTRODUÇÃO Liberdade Cultural num Mundo Diversificado 1

CAPÍTULO 1 Liberdade cultural e desenvolvimento humano 13

- Participação e reconhecimento 14
 - Liberdades, direitos humanos e o papel da diversidade 15
 - Identidade, comunidade e liberdade 16
 - Globalização, assimetria e democracia 19
 - Conclusões 22
-

CAPÍTULO 2 Desafios para a liberdade cultural 27

- Liberdade cultural – uma dimensão desconhecida do desenvolvimento humano 28
 - Promover a liberdade cultural exige o reconhecimento das diferenças de identidade 36
 - Três mitos em torno da liberdade cultural e o desenvolvimento 38
 - Desafios de hoje para a liberdade cultural 44
-

CAPÍTULO 3 Construir democracias multiculturais 47

- Resolver os dilemas do Estado com o reconhecimento da diferença cultural 47
 - Políticas para assegurar a participação política de grupos culturais diversos 50
 - Políticas de religião e prática religiosa 54
 - Políticas acerca do direito consuetudinário e do pluralismo legal 57
 - Políticas acerca do uso de múltiplas línguas 60
 - Políticas para corrigir a exclusão socioeconómica 65
-

CAPÍTULO 4 Enfrentar os movimentos para a dominação cultural 73

- Movimentos para a dominação cultural – os desafios actuais 74
 - Dilemas para as democracias – medidas restritivas ou conciliadoras? 77
-

CAPÍTULO 5 Globalização e escolha cultural 85

- Globalização e multiculturalismo 88
 - Fluxos de investimento e conhecimento – incluir os povos indígenas num mundo globalmente integrado 91
 - Fluxos de bens culturais – alargar as escolhas através da criatividade e da diversidade 96
 - Fluxos de pessoas – identidades múltiplas para cidadãos mundiais 99
-

Notas 107

Nota bibliográfica 110

Bibliografia 112

CONTRIBUIÇÕES ESPECIAIS

- Os direitos humanos incorporam os valores fundamentais das civilizações humanas *Shirin Ebadi* 23
- Diversidade – de divisiva a inclusiva *Nelson Mandela* 43
- O Reconhecimento da Diversidade Linguística na Constituição do Afeganistão *Hamid Karzai* 64
- A diferença não é uma ameaça mas uma fonte de força *John Hume* 82
- Povos indígenas e desenvolvimento *Ole Henrik Magga* 91
-

CAIXAS

- 2.1 Dois aspectos da exclusão cultural 27
- 2.2 A definição de direitos culturais fica para trás em relação aos direitos civis, políticos, económicos e sociais – Porquê? 28
- 2.3 Medir a liberdade cultural 31
- 2.4 O índice de desenvolvimento humano: captar desigualdades entre grupos 36
- 2.5 Políticas culturais – proteger a herança cultural e promover a liberdade cultural 38
- 2.6 Desigualdades entre grupos podem alimentar o conflito e a tensão 41
- 2.7 A diferença étnica nas Ilhas Salomão não é causa de conflito 42
- 3.1 Esboço de um guia do federalismo 50
- 3.2 O desafio do federalismo: trajectória política conturbada e perspectivas da Nigéria 52
- 3.3 Representação proporcional, ou vencedor ganha tudo? A Nova Zelândia muda 55
- 3.4 As muitas formas de Estados seculares e não seculares e os seus efeitos na liberdade religiosa 56
- 3.5 Direito privado hindu e muçulmano: o debate em curso sobre um código civil uniforme 57
- 3.6 Acesso à justiça e reconhecimento cultural na Guatemala 59
- 3.7 Educação multilingue na Papua Nova Guiné 61
- 3.8 Quantas línguas existem em África? 85% dos africanos falam 15 línguas nucleares 63
- 3.9 Direito à terra nas Filipinas 68
- 3.10 Experiências com acção afirmativa na Malásia e na África do Sul 70
- 4.1 Liderança, manipulação ideológica e recrutamento de apoiantes 77
- 4.2 Ásia Central – o perigo de restringir as liberdades políticas e culturais 78
- 4.3 Egipto – distinguir entre moderados e extremistas 80
- 4.4 Argélia – descontentamento, democratização e violência 81
- 4.5 Estados Unidos – visar a intolerância e o ódio 83
- 5.1 Cultura – mudança de paradigma na Antropologia 89
- 5.2 Fontes da ética mundial 90
- 5.3 Empresas privadas e povos indígenas podem trabalhar juntos para o desenvolvimento 94
- 5.4 Utilizar os direitos de propriedade intelectual para proteger o conhecimento tradicional 95
- 5.5 O debate sobre bens culturais e o fiasco do Acordo Multilateral sobre Investimentos 96
- 5.6 O apoio bem sucedido da França às indústrias domésticas da cultura 99
- 5.7 O dilema dos lenços de cabeça em França 101
- 5.8 Contratos temporários – receber bem os trabalhadores, mas não as pessoas, não é solução 103
- 5.9 Como Berlim promove o respeito pela diferença cultural 104
-

QUADROS

- 2.1 Representação política de minorias étnicas em parlamentos seleccionados da OCDE 35

2.2	Integrar políticas multiculturais em estratégias de desenvolvimento humano	37
3.1	Indicadores de rendimento interno e custos das escolas convencionais e bilingues em Burkina Faso	62
4.1	Vítimas causadas pela violência sectária no Paquistão, 1989-2003	75
5.1	População indígena na América Latina	92
5.2	Escolhas de política para a promoção da indústria doméstica de cinema e audiovisual – o mercado e a dimensão da indústria são importantes	98
5.3	As 10 cidades do topo pela parcela da população nascida no estrangeiro, 2000-01	99

FIGURAS

2.1	A maioria dos países é culturalmente diversificada	28
2.2	Os povos indígenas têm uma vida mais curta	29
2.3	Na Europa, a população migrante não europeia tem aumentado significativamente...e os migrantes estão a chegar de mais sítios	30
2.4	Muitos não têm acesso ao ensino primário na sua língua materna	34
2.5	Feridos nacionais são um meio importante de reconhecer – ou ignorar – identidades culturais	35
3.1	Os povos indígenas têm mais probabilidades que os não indígenas de serem pobres, na América Latina	67
3.2	Os não brancos beneficiam menos que os brancos da despesa pública de saúde, na África do Sul	67
3.3	As desigualdades entre grupos declinaram na Malásia, mas não as desigualdades entre pessoas	71
3.4	Os resultados da acção afirmativa nos Estados Unidos são mistos	71
4.1	Movimentos para a dominação cultural – diferente de todos os movimentos fundamentalistas ou violentos	73
4.2	Alguns partidos europeus da extrema-direita ganharam constantemente parcelas crescentes dos votos	74
4.3	A participação democrática pode expor a franja de atracção dos partidos de extrema-direita	82
5.1	Os filmes do topo da distribuição, de todos os tempos, nas salas internacionais (menos EUA) eram filmes dos EUA, Abril de 2004	97
5.2	Crescimento sem precedentes da migração internacional para Europa, América do Norte, Austrália e Nova Zelândia, mas os refugiados permanecem uma pequena proporção, 1990-2000	100
5.3	Mais e mais governos (ricos e pobres) querem controlar a imigração, 1976-2001	100

MAPAS

2.1	Guatemala apresenta sobreposições significativas entre comunidades linguísticas e exclusão social	37
5.1	Muitas actividades de extracção e de infra-estruturas nos países em desenvolvimento são em áreas onde vivem povos indígenas	92

DESTAQUES

2.1	O banco de dados <i>Minorias em Risco</i> – quantificar a exclusão cultural	32
	Figura 1 Discriminação e desvantagem de grupos culturalmente identificados podem ser culturais, políticas e económicas – com sobreposições consideráveis	32
	Figura 2 Exclusão política e económica têm causas diferentes	32
3.1	Unidade do Estado ou identidade etnocultural? Não é uma escolha inevitável	48
	Figura 1 Identidades nacionais múltiplas e complementares	48
	Figura 2 Confiança, apoio e identificação: países pobres e diversificados podem dar-se bem com políticas multiculturais	49
5.1	Que há de novo sobre as implicações da globalização para a política de identidade?	86
	Quadro 1 Dez países do topo segundo a parcela da população migrante, 2000	87

Figura 1 Crescimento rápido dos investimentos em indústrias extractivas nos países em desenvolvimento, 1988-97 86

Figura 2 Menos filmes domésticos, mais filmes dos EUA: evolução da audiência de filmes, 1984-2001 87

Destaque estatístico 1	O estado do desenvolvimento humano	127
Quadro 1	IDH, IPH-1, IPH-2, IDG — Mesmas componentes, medidas diferentes	127
Quadro 2	Erradicação da pobreza: permanecem privações maciças, 2000	129
Quadro 3	Progressos e retrocessos: mortalidade de crianças	132
Quadro 4	Progressos e retrocessos: ensino primário	132
Quadro 5	Progressos e retrocessos: privação de rendimento	132
Quadro 6	Países que estão a viver uma queda no índice de desenvolvimento humano, décadas de 1980 e 1990	132
Figura 1	Mesmo IDH, rendimento diferente	128
Figura 2	Mesmo rendimento, IDH diferente	128
Figura 3	Progresso insuficiente em direcção aos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio	130
Figura 4	Cronologia: Quando serão realizados os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio se o progresso não acelerar?	133
Figura 5	Disparidades mundiais no IDH	134
Figura 6	Países de prioridade máxima e alta	134
	Índice dos indicadores dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio nos quadros de indicadores	135
Destaque estatístico 2	Nota para o quadro 1: Sobre o índice de desenvolvimento humano deste ano	137

INDICADORES DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

MONITORIZAR O DESENVOLVIMENTO HUMANO: AUMENTAR AS ESCOLHAS DAS PESSOAS. . .

1	Índice de desenvolvimento humano	139
2	Tendências do índice de desenvolvimento humano	143
3	Pobreza e privação humanas: países em desenvolvimento	147
4	Pobreza e privação humanas: OCDE, Europa Central & do Leste & CEI	150

. . . PARA LEVAREM UMA VIDA LONGA E SAUDAVEL. . .

5	Tendências demográficas	152
6	Compromisso com a saúde: recursos, acesso e serviços	156
7	Água, saneamento e estado da nutrição	160
8	Principais crises e desafios da saúde no mundo	164
9	Sobrevivência: progressos e retrocessos	168

. . . ADQUIRIREM CONHECIMENTO . . .

10	Compromisso com a educação: despesa pública	172
11	Alfabetização e escolarização	176
12	Tecnologia: difusão e criação	180

. . . TEREM ACESSO AOS RECURSOS NECESSARIOS PARA UM NIVEL DE VIDA DIGNO. . .

13	Desempenho económico	184
14	Desigualdade no rendimento ou consumo	188
15	A estrutura do comércio	192
16	Responsabilidades dos países ricos: ajuda	196
17	Responsabilidades dos países ricos: alívio da dívida e comércio	197

18	Fluxos de ajuda, capital privado e dívida	198
19	Prioridades na despesa pública	202
20	Desemprego nos países da OCDE	206

... ENQUANTO O PRESERVAM PARA AS GERAÇÕES FUTURAS ...

21	Energia e ambiente	207
----	--------------------	-----

... PROTEGENDO A SEGURANÇA PESSOAL ...

22	Refugiados e armamentos	211
23	Vítimas da criminalidade	215

... E ALCANÇANDO A IGUALDADE PARA TODAS AS MULHERES E HOMENS

24	Índice de desenvolvimento ajustado ao género	217
25	Medida de participação segundo o género	221
26	Desigualdade de género na educação	225
27	Desigualdade de género na actividade económica	229
28	Género, carga de trabalho e afectação do tempo	233
29	Participação política das mulheres	234

INSTRUMENTOS DOS DIREITOS HUMANOS E DO TRABALHO

30	Estatuto dos principais instrumentos internacionais de direitos humanos	238
31	Estatuto das convenções sobre direitos fundamentais do trabalho	242
32	Índices de desenvolvimento humano: uma perspectiva regional	246
33	Indicadores básicos para outros países membros da ONU	250

Nota sobre as estatísticas no Relatório do Desenvolvimento Humano 251

Notas técnicas

1	Cálculo dos índices de desenvolvimento humano	258
2	Identificação dos países de prioridade máxima e de prioridade alta nos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio	265

Definições de termos estatísticos 268

Referências estatísticas 277

Classificação dos países 279

Índice dos indicadores 283
